

estratégia usada por ele para recriar vozes tradicionais dos contadores de histórias, que se consolidam pela “oralização das estórias” (Petrov, 2014: 39). As vozes vão sendo demonstradas, sob a perspectiva do crítico, pelo recurso a extratos de texto literário, que se resumem na constatação de que grande parte das histórias são contadas por personagens em primeira pessoa, gerando a ideia de imitar os contadores africanos, os *griots*. A presença da oralidade na escrita traria para a literatura de Mia Couto um diálogo entre o tradicional e o urbano, destacados pelo estudioso em sua apresentação acerca da Moçambique representada no projeto literário do escritor.

De acordo com Petrov, a literatura de Mia Couto estaria inserida também nos temas pós-coloniais, que tem como eixo central discussões acerca da identidade cultural, assunto tão presente na obra do escritor moçambicano. O especialista propõe um levantamento crítico acerca da matéria, buscando concretizar suas reflexões sobre o pós-colonialismo por meio de uma revisão bibliográfica, que culmina com sua argumentação acerca da importância das literaturas que surgiram após a independência, principalmente por terem em si como tema primordial o da identidade cultural.

Com essa abordagem da perspectiva pós-colonial, o crítico, em sua análise do projeto literário de Mia Couto, vai consolidando argumentos acerca da identidade cultural e seus modelos

de constituição nos contextos elaborados pelo moçambicano. A Moçambique descrita pelo autor teria, portanto, matizes culturais bem demarcados, que ganhariam ainda mais destaque por uma linguagem e contextualização bem elaborados, a partir de vozes tradicionais, despertadas no âmbito narrativo pelo discurso oral, por vezes, proferido em primeira pessoa, por personagens lembrando *griots*.

Como se percebe a partir da presente exposição, esta é uma obra de imersão no projeto literário do moçambicano Mia Couto, que se destaca pelo modo como conduz o levantamento da produção literária do escritor, demonstrando as influências e os caminhos que moldaram a sua escrita. A obra reúne reflexões essenciais, no que tange a contextualização da obra moçambicana, buscando clarear o contexto de produção ao indicar historicamente o percurso do autor.

*Luciana Morais da Silva*

**PELAS MARGENS DO ATLÂNTICO  
E DO ÍNDICO: ENSAIOS SOBRE AS  
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**JORGE VICENTE VALENTIM**

**Manaus, AM: UEA Edições, 2012**

**198 páginas, ISBN: 978-85-7883-223-0**

Tenho reparado, por vezes, na profusão de citações que acompanha o início dos ensaios e artigos de colegas que

produzem textos sobre literatura. Fico-me perguntando se estamos tentando nos apoiar em outros autores, nos poetas, críticos e ficcionistas sobre os quais escrevemos para que possamos, recuperados das lides burocrático-administrativas que a vida acadêmica exige, retomar o tempo necessário para a reflexão geradora de escrita.

Se há o caminho de quem tenta recuperar o fôlego, há também o caminho daquele que escolhe não ir sozinho. O livro de Jorge Vicente Valentim é uma lembrança de que, por mais que a escrita seja vista como um ato solitário, não quer dizer que devamos praticá-la isolados, distantes de tudo: no barco que Valentim conduz, o embarque é garantia de boas companhias, que garantem o fôlego da viagem.

O título do livro de 2012 aqui recensado indica tanto o recorte espacial que os territórios contemplados no ensaio ocupam, quanto a forma como os tópicos são tratados – começando devagar, com calma, o autor nos leva certo para onde quer. Valentim se vale do termo *margem*, expansível para extremidades, orlas e bordas para já sugerir ideias de contato físico entre os territórios e os oceanos que os circundam e o contato reflexivo entre as produções literárias desses territórios. A *margem* que aparece indicada no título é a dos oceanos que se mistura a do continente, numa remissão às navegações dos portugueses em busca de um caminho alternativo para o Oriente, unindo África à Ásia e à América do Sul.

A remissão ao mar é frequente nos estudos africanos – palco que engendrou tantas cenas das histórias das ex-colônias portuguesas – e foi esse o caminho que uniu o continente africano ao nosso próprio. O título da obra é bastante claro, permite a compreensão direta do assunto, seguido por um subtítulo que especifica ainda mais a abordagem. As fronteiras demarcadas pelos Oceanos indicam a costa Ocidental e a costa Oriental do continente, deixando o contato com a Europa assinalado por uma sugestão do ponto de partida da viagem.

O prefácio escrito por Laura Cavalcante Padilha insere Valentim como membro da geração dos mais novos pesquisadores que auxiliam na consolidação dos estudos literários africanos em língua portuguesa. Padilha retoma o diálogo entre música e literatura que aparece nos ensaios e aponta a expansão polifônica propiciada pelos contatos entre os autores lidos nos ensaios, mostrando outras questões que percorrem os textos de Valentim, como a frágil tentativa de equilíbrio entre modernidade e tradição e a necessidade de se repensar as identidades culturais.

Além da introdução, que não aparece com esse nome, mas como uma declaração do “Início de percurso”, o livro divide-se em três partes, cada uma delas contendo três ensaios sobre os países que ocupam os ensaios de Jorge Valentim: Cabo Verde, Angola e Moçambique. Em todas as partes é possível perceber a música perpassan-

do a travessia empreendida pelo autor, com títulos que remetem às ideias de fruição pelo (en)canto em Cabo Verde, margens oscilantes em Angola e voos e sonhos em Moçambique. O Histórico das Intervenções que aparece no fim do volume indica que o livro reúne uma produção que vem circulando desde 2003, nas travessias que o próprio autor empreendeu em congressos de lusitanistas, cursos ministrados, colóquios, e que não dá mostras de ser interrompida tão cedo, considerando o texto inédito que o livro traz. O livro de Jorge Valentim não é apenas uma coletânea de ensaios, é uma oportunidade de observar um pesquisador em sua contínua travessia de leitura.

Travessia, viagem, trajetória, o deslocamento é uma memória constante para o leitor, que se deixa vagar ao sabor da escrita de Valentim. Vaga-se pelo mar e pela música. No “Início de Percurso”, Valentim coloca-se como leitor apaixonado, mas apresenta sua atuação como pesquisador comprometido, elencando os primeiros investigadores brasileiros responsáveis por sua formação na área de literaturas africanas de língua portuguesa. A proposta do autor em apresentar seus estudos sobre os textos narrativos de Cabo Verde, Angola e Moçambique, em uma aproximação com a produção brasileira, apresenta-se mimetizando um roteiro de navegação, que apresenta não apenas o percurso, mas também os companheiros de viagem: Valentim volta à sua formação inicial nos estudos

africanos, aponta os mestres, os parceiros da jornada.

Jorge Vicente Valentim tem titulação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tanto em Letras quanto em Música, formações que permeiam os ensaios do livro, mas que não restringem as leituras, que contemplam outros aspetos além da relação entre literatura e música nos nove textos, tais como as recriações de discursos históricos e os diálogos com a pós-modernidade. O autor deixa claro que seus ensaios foram sendo produzidos e repensados nos últimos anos e que um encerramento, um fechamento de ciclo não são a intenção do volume apresentado, mas sim buscar diálogos, trilhas, roteiros. Valentim vai paulatinamente trilhando um caminho para suas reflexões e faz isso muito bem acompanhado pelo *corpus* que elege e pelos outros ensaístas e críticos com os quais vai conversando no decorrer da travessia.

Os ensaios de Valentim refletem sobre textos de Pepetela, Agualusa, Paulina Chiziane e Mia Couto. Mas esta resenha vai se deter especificamente aos textos sobre Jorge Barbosa, Manuel Ferreira, José Eduardo Agualusa e Ana Paula Tavares.

Talvez o motivo pelo qual Valentim consiga cumprir suas propostas de leitura é o fato de assumir sua leitura como uma tarefa “desafiadoramente prazerosa”, como anuncia em “De ilhas, de ficção e de poesia: as faces da caboverdianidade em Jorge Barbosa”.

Aí se recupera a voz de Jorge Barbosa e de seus estudiosos, no desvendar de indícios da insularidade que aparecem na poesia, mas também nas cartas e narrativas do poeta. As três ilhas que Valentim percorre para comprovar o caminho que foi sendo traçado por Barbosa em trajetórias de vida, ficção e poesia, que apontam para uma insularidade externa, representada pela ida à Lisboa, e uma insularidade interna, no deslocamento de Barbosa pelo arquipélago. A importância da produção literária de Barbosa é ressaltada pela rutura do poeta com os modelos europeus quando da publicação de *Arquipélago*, mas Valentim não segue o caminho de ater-se ao marco da *Claridade* para não cair em uma leitura tautológica, optando, em contrapartida, ao mapeamento do trabalho de Jorge Barbosa como cronista e ficcionista, além da epistolografia como forma de corroborar as temáticas presentes na produção poética. O conto analisado por Valentim, “Conversa Interrompida”, é aproximado das construções dramáticas ao apontar a utilização de recursos cênicos em todo o texto, acentuadamente na aparição de Mefistófeles para tentar o narrador com promessas de riquezas e de fama literária.

O ensaísta apresenta a caracterização do narrador como um reflexo no ilhéu cabo-verdiano que, na década de 1950, quando o conto foi publicado, em um momento de aumento da migração dos habitantes devido aos problemas

climáticos e econômicos do território, os moradores do arquipélago viam a possibilidade de melhoria financeira não em Portugal ou nos demais países da Europa, mas nos Estados Unidos, como na narrativa *Chiquinho*, de Baltasar Lopes.

Diante da crítica de que a produção ficcional de Jorge Barbosa não teria nada de relevante, Jorge Valentim destaca os dois méritos refutam esta ideia: a estrutura narrativa, entremeada pelo gênero dramático e pela crônica e a percepção das temáticas presentes também na lírica, como a evasão da terra, o isolamento insular, a negação do espaço colonialista. A tese de Valentim é que, se a insularidade é um modo de alcançar voos maiores do que o espaço que se ocupa, esta temática aparece, na obra de Jorge Barbosa, antes da publicação de *Arquipélago*, podendo ser antecipada no poema “O pássaro fechado”, de 1930.

Em “Mornas e música: ressonâncias culturais cabo-verdianas na escrita ficcional e ensaística de Manuel Ferreira”, a leitura de *Hora di Bai*, romance de Manuel Ferreira, aponta a insistência temática da morna na obra de Ferreira, que aparece no ensaio *A aventura crioula*, também de Ferreira, no qual o autor ressalta o ritmo da morna como um dos definidores da natureza lírica do sujeito cabo-verdiano. Valentim aproveita a deixa de Ferreira para aproximar a “harmonia circular” das mornas de Vasco Martins à circularidade temática de *Hora di Bai*. A hipótese de Manuel

Ferreira é que o ilhéu transfere para a canção amorosa o sofrimento social que o cerca, seja ele homem ou mulher, pois Valentim ressalta a participação crítica e ativa das personagens femininas nas lutas locais, como Nha Venância, cuja partida para São Tomé é cancelada após a execução da antiga morna que nomeia o romance. Valentim termina o ensaio apontando que

Manuel Ferreira antecipa ficcionalmente as suas ponderações ensaísticas de *A aventura crioula*. Se, como nos faz crer, “com efeito, pela morna perpassa com insistência ou a dor ou a tristeza, mas sempre o amor” (1973: 186), então, arriscamos afirmar que, em sua *Hora di Bai*, há também a confluência de tais sentimentos, posto que, se a dor da fome e da miséria e a tristeza da despedida e da morte insistem em ecoar os seus acordes, a harmonia do amor e do apego à terra parece exercer um papel fundamental na construção da sinfonia concertante da vida. (Valentim, 2012: 48).

Outro ensaio que compõe o volume, “O outro gosto do sangue”, Valentim detém-se na leitura de dois textos da coletânea *Contos de Vampiros*, organizada por Pedro Sena-Lino, cuja seleção deixa de fora *O vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan. Os textos sobre os quais Valentim se debruça aqui são “O mistério da rua da missão”, da angolana Ana Paula Tavares e “M. de malária”, escrito por José Eduardo Agualusa. Valentim recupera a *Dissertação sobre*

*os Regressantes em corpo, os Excomulgados, os Upiros ou Vampiros, Bruco-laques, etc.* escrita por Dom Augustin Calmet, em 1746, para apontar que, mesmo no conto de Tavares, em que a menção explícita ao nome da criatura não aparece, a transfiguração apontada por Calmet caracteriza como vampiresca uma das personagens. A tônica da transmutação permanece na leitura de “M. de malária”, com o protagonista criado por Agualusa, Miro Bandarra, metamorfoseando-se, via documentação falsa, em Almir Kleger II, observador pouco surpreso ao se deparar com Michel M., o vampiro prânico que, como os demais de sua espécie, alimenta-se das energias das pessoas, podendo doá-la a terceiros; é este personagem que acaba morto por malária, com contágio pelo sangue (parece que nem os seres sobrenaturais andam livres dos males humanos).

A viagem que se faz ao acompanhar as reflexões de Valentim garante o fôlego para novas leituras de autores africanos cuja produção em língua portuguesa pode já ter sido estudada, mas não esgotada, haja visto o peneirar de significação em textos ainda pouco explorados, como a epistolografia e a ficção de Jorge Barbosa e o flerte com a cultura *pop* perceptível pela organização de *Contos de Vampiros*. De qualquer modo, a travessia que se empreende com Jorge Valentim garante um respiro necessário e também prazer de leitura.

Daviane Moreira e Silva